

INQUÉRITOS GEOGRÁFICOS

GEOGRAFIA URBANA

Os estudos de ecologia humana vão dando relêvo à geografia urbana entre as especialidades geográficas.

Dentro do sentido particular que os mesmos estudos tomaram nos Estados Unidos — em grande parte por influência de sociólogos de Chicago — a base de pesquisa tem sido, de preferência, a comunidade urbana. Sirvam de exemplo os trabalhos de delimitação de áreas urbanas empreendidos naquele país sob a orientação fixada em *The Urban Community* (publicação coordenada por E. W. BURGESS), pelos professores R. D. MACKENZIE (*The Scope of Human Ecology*) e ROBERT E. PARK (*The Urban Community as a Spatial Pattern and a Moral Order*). São trabalhos que interessam ao geógrafo tanto quanto ao sociólogo e que representam avanço notável no sentido da objetividade no estudo científico das áreas urbanas. Nesse estudo vai sendo empregado largamente nos Estados Unidos e um pouco entre nós — principalmente em São Paulo — o método da pesquisa de área ou o *social survey*.

Por outro lado, nos estudos alemães de “paisagem cultural” (*Landschaft*), é igualmente considerável o interesse dispensado, em trabalhos recentes, a assuntos que são, por sua substância, de geografia urbana. Por sua substância e pelo que se pode denominar o seu *espírito*: aquilo que BANSE chama a *alma* e BOLZ, o *ritmo* das paisagens: inclusive das cidades. Sendo *valores*, essa *alma* e esse *ritmo* escapam ao estudo rigorosamente objetivo do cientista social: mas como *qualidade sinfônica* da paisagem cultural — rural ou urbana — resultam do estudo científico que se faça da mesma paisagem: do seu conjunto. Daí o caráter de estudos de estética, ao mesmo tempo que de geografia ou de sociologia objetiva, de alguns dos melhores trabalhos modernos de geografia ou de sociologia urbana, alemães ou de inspiração alemã. Estudos em que a subjetividade se junta à objetividade. O fato deve ser destacado no Brasil, onde um cientificismo exagerado insiste em levantar-se contra aqueles trabalhos de história, de geografia ou de sociologia aplicada em que os autores se aventuram a tentativas de interpretação compreensiva, isto é, de conjunto, de época, da área ou da cidade estudada. Afinal, o rigor do particularismo objetivista — tão necessário como disciplina e método de análise — pode, pelo excesso, nos levar à inteira deshumanização daquelas ciências voltadas para o estudo dos grupos humanos considerados nas suas relações, ou interrelações, de tempo ou de espaço.

E' certo que a combinação do método objetivo com o subjetivo, de interpretação larga e compreensiva — a ponto de alcançar qualidades estéticas — da paisagem cultural, desenvolvido pelos alemães no estudo de geografia, é de emprêgo delicado e difficilimo num país como o Brasil, de frágil tradição na análise científica dos assuntos sociais. Daí me parecer mais conveniente o desenvolvimento dos métodos objetivos de sondagem e pesquisa, cujo emprêgo, em São Paulo, já salientei. O emprêgo de tais métodos em São Paulo e no Rio, se deve a sociólogos americanos e a seus discípulos, cujas pesquisas sociológicas em áreas urbanas apresentam interesse geográfico; e, notadamente, a mestres franceses de geografia humana e a seus discípulos. Creio ser desnecessário destacar o fato de que em nenhum país tem sido maior, nos últimos anos, a atividade da pesquisa geográfica especializada no estudo de cidades do que na França. Das

monografias sôbre cidades, a de LEVAINVILLE, *Rouen*, embora de 1913, é uma das mais fortes pela segurança do método no estudo da geografia urbana.

Ao Brasil, país com cidades e portos em rápido desenvolvimento, convém, por vários motivos, o contacto com ainda outro tipo de estudos de geografia urbana: aquele em que a análise científica de cidades, de seu desenvolvimento e de seus problemas de área e de espaço, se alonga em planificação social para regiões, nações, continentes. Tais estudos tiveram no escossês GEDDES, um mestre notável e tem hoje nos trabalhos do norte-americano MUMFORD sua expressão mais viva.

A geografia urbana se impõe ao Conselho Nacional de Geografia como uma especialidade digna de sua maior atenção, quer pelo seu interêsse rigorosamente científico, quer pelo prático, relacionada como se acha com problemas de planificação regional e nacional e de urbanismo e turismo. Logo què possível, seria conveniente que o mesmo Conselho empreendesse a organização e a publicação — ou as estimulasse — de uma série de monografias sôbre cidades brasileiras.

Agôsto, 1940.

a) *Gilberto Freire*

PROF. AROLDO DE AZEVEDO

Dêste seu ilustre colaborador recebeu a "Revista Brasileira de Geografia" a carta que publicamos a seguir. Atendendo ab pedido daquele provector educador e renomado geógrafo, fazemos a retificação solicitada.

São Paulo, 17 de maio de 1941.

Prezado amigo
Dr. Cristóvão Leite de Castro.

Confirmo minha última carta, de 14 do corrente.

Tem esta por único objeto lembrar-lhe que houve um pequeno equívoco, no meu artigo sôbre *Goiânia*: aquela expressão que foi acrescentada soh o meu nome — "da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado de São Paulo" — pode dar margem a algum mal-entendido, o que me obriga a tocar no assunto. De fato, eu apenas tenho o curso daquela Faculdade (secção de Geografia e História), mas não sou professor ali. Sou, sim, professor de Geografia no COLÉGIO UNIVERSITÁRIO da Universidade de São Paulo, como também em dois outros estabelecimentos particulares de ensino superior: o INSTITUTO SUPERIOR DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS "SEDES SAPIENTIAE" (onde sou catedrático de Geografia do Brasil) e a FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE SÃO PAULO (onde leciono Geografia Econômica).

Pode crer que tudo isso não tem grande importância para mim. Mas receio que outros julguem que estou usurpando títulos que não possuo, realmente.

Um cordial abraço do

am.º at.º

a) *Aroldo de Azevedo.*